

# Capítulo I

Marcus Aurelius Octavius Whyte, terceiro marquês de Daniston e herdeiro de Sua Alteza, o duque de Attleby, acordou, fitou o ombro macio da amante e blasfemou.

Chegara o dia em que teria de conhecer sua esposa!

Pulou da cama e tocou a sineta para chamar o criado pessoal. Onde estava Andrews? O camarada não poderia esquecer a importância daquele dia.

— Marcus?

Relanceou um olhar para a cama e não pôde deixar de sorrir ao ver o rosto atraente. Querida Jocelyn! Ela fora um achado! Era com orgulho que se lembrava da madrugada em um parque bem ao longe de Mayfair, quando tivera de convencer o último amancebado da jovem a respeito de suas intenções sérias de tomá-la como amante. Ouvira rumores de que ninguém suplantava o capitão Stapleton quando desafiava um amigo. Na verdade, Marcus tinha de aceitar que a humilhação sofrida por Stapleton naquela noite se devia às inúmeras garrafas de vinho que o capitão consumira. Pouco importava. Marcus desejara Jocelyn e conseguira.

Tudo seria perfeito, não fosse pela esposa que lhe impingiam. A família, preocupada com sua insistência em permanecer solteiro e em consequência sem um filho para herdar o título, arranjara aquele casamento.

— Querida, sinto perturbá-la — Marcus murmurou e abaixou-se para beijar o ombro desnudo. A pele de Jocelyn tinha um perfume delicioso dos cremes que ela enfileirava no toucador situado perto da janela.

Encontrara essa pequena casa na cidade, bem perto de Berkeley Square, o que era muito conveniente, e deixara a decoração por conta de Jocelyn. Deplorava o quarto com tantas rendas e frivolidades, mas era o que combinava com ela. Jocelyn era o epítome da feminilidade, ansiosa por adorar e ser adorada, exatamente o que ele desejava em uma mulher.

— Mal amanheceu — ela se queixou. — Por que você vai embora tão cedo?

— Volte a dormir. Retornarei o mais depressa possível.

— Esta noite?

Marcus pegou o calção. Onde estava o maldito Andrews? Precisava de um colarinho limpo antes de voltar para a casa de seu pai em Berkeley Square.

— Talvez eu não possa vir hoje — ele afirmou com estudado pouco-caso, enquanto abotoava o calção.

— Meu amor, você sabe o quanto eu queria ir esta noite à festa de lady St. Giles.

— Querida, não insista. Será impossível.

— Eu planejava usar o meu vestido dourado novo, aquele que você estava ansioso para ver.

Marcus agradeceu estar de costas para ela. Agradava-o a elegância de Jocelyn usando um dos trajes da coleção que lhe custava tão caro, mas não se imaginava *ansioso* para ver nenhuma roupa nova.

— Terei de adiar o prazer para outra ocasião — ele contornou, calçando as botas.

— Mas por quê?

— Tenho um compromisso esta noite, minha querida.

Jocelyn sentou-se, segurando o lençol de encontro aos seios volumosos, mas de maneira a deixar visíveis as curvas voluptuosas. O sono não lhe suavizava o rosto e Marcus imaginou se ela não fingia a sonolência para arrastá-lo de novo para a cama. O jogo que funcionara em outros dias, não teve efeito.

— *Ela* vem hoje, não é? — Jocelyn gritou.

— Meu bem, eu a avisei que este dia se aproximava.

— Você voltará para mim?

Os imensos olhos azuis, encantadores e extravasando promessas, fizeram-no pensar em ficar ali mais uma hora ou duas, e ele acariciou as longas tranças negras.

— Meu amor, não se preocupe em demasia. Ela será apenas uma esposa.

— Uma esposa que não entenderá suas necessidades!

— Mas eu tenho você. — Marcus vestiu a camisa e fez uma careta ao ver a mancha em uma das mangas. Esperava que Andrews fosse capaz de remover a nódoa de vinho que Jocelyn derramara nele na última noite. Seu criado particular se queixaria, mas faria um milagre... como sempre.

— Ah, fico feliz em ouvir essas palavras! — Ela sorriu. — Tenho estado muito ansiosa pela expectativa de ser deixada de lado com a vinda de sua esposa a Londres.

— Ela é somente minha esposa. E será o que uma esposa deve ser.

Jocelyn endireitou-se, sentou-se sobre as pernas e cruzou os braços diante de si.

— Marcus, o quer dizer isso? — ela sussurrou com um meio sorriso.

— Regina Morrissey...

— Regina Whyte.

Marcus vestiu o colete com um trejeito, sentou-se no banco aos pés da cama de Jocelyn, pôs a mão no joelho dela e a olhou.

— Não precisa lembrar-me desse fato desagradável. Quando meu pai insistiu no casamento, deixei claro que eu só aceitaria uma mulher de ótima linhagem e bem treinada para administrar Attleby Court, enquanto eu permaneceria na capital.

Jocelyn não chegou a responder. Uma batida soou na porta. A jovem cerrou as sobancelhas e puxou o lençol até o pescoço.

Marcus suspirou. Não havia a menor esperança de afeição entre Andrews e Jocelyn. Quando estava na casa de Jocelyn, Andrews agia como o duque, pensando somente na necessidade de um herdeiro para o título Attleby. Pelo gosto de seu pai e de Andrews, ele teria se casado muito antes de seu aniversário de vinte e nove anos que fora no mês anterior. Seria preferir sofrer no inferno a submeter sua vontade e sua vida a eles. Ele se tornaria tão enfadonho quanto o pai. Não se lembrava da última vez em que o pai estivera no clube em St. James's nem que ele fizera algo mais imprudente do que trapacear em um jogo de uíste.

Andrews entrou no quarto, curvando os ombros estreitos. Sem olhar para a cama, estendeu o colarinho que Marcus pretendia pedir-lhe para encontrar. Sua postura deixava evidente que preferia estar em qualquer lugar, menos no quarto de Jocelyn Simpson.

— Estamos de saída, milorde?

Marcus não podia provar que Andrews escutava atrás das portas, mas de que outra forma imaginar que o serviçal sempre sabia o que ele planejava?

— Traga os cavalos — ele ordenou enquanto abotoava o colete. — Temos de retornar a Berkeley Square com rapidez.

— Sim, milorde. Iremos a toda velocidade.

Marcus fitou-o de revés. Andrews o servia havia muitos anos e não deixaria escapar mais de uma ponta de alívio na voz. O que Andrews achava tão engraçado? Droga! Marcus fazia a vontade do pai ao se unir a uma mulher que não conhecia. Não deveriam esperar dele nada além do que gerar um herdeiro saudável.

Era apenas uma questão de negócios. Dissera isso a si mesmo quando vira a pilha de papéis, na qual se delineavam suas obrigações de marido, que lhe fora apresentada pelo advogado de seu pai. Uma leitura rápida deixara-o ciente de que o casamento seria vantajoso para Regina Morrissey. O pai dela fora um segundo filho e ganhava o sustento a serviço da Coroa. Essa vida o mantivera longe da costa inglesa logo após o nascimento de sua única filha. Marcus suspeitava de que sua esposa, embora achasse difícil pensar dessa maneira a respeito de

qualquer mulher, seria muito agradecida por escapar da vida selvagem de Argel, onde seu pai prestava serviços, para retornar a Londres. Marcus não desejava essa gratidão. Queria, tão-somente, acabar com os olhares desolados da avó nas ocasiões em que outro dos amigos dele se casava.

Andrews saiu, fechou a porta e Marcus procurou a cartola que deixara sobre a mesa redonda ao lado da janela. Não estava ali.

— Lady Daniston corresponderá às suas expectativas? — Jocelyn atraiu a atenção sobre ela.

— Pelo menos foi o que me asseguraram. — Ele ficou em pé, sorriu e beijou-lhe o rosto. — Rezo para ela ser tudo o que espero. Uma esposa bem-nascida e bem-educada, e poderei estar assegurado que terei o herdeiro que tanto preocupa meu pai. Então poderei voltar para seu lado, meu amor, e para nossos momentos deliciosos.

Jocelyn ficou de joelhos e passou um dedo na frente do colete de Marcus.

— Lamentarei cada segundo em que estivermos separados.

— Eu também, mas tenho esperança de que tudo se acerte para nós. Será uma separação temporária e ela poderá aliviar a vovó de seus inúmeros deveres de administrar a casa.

Jocelyn franziu o nariz. Não podia esconder o desagrado pela viúva duquesa de Attleby, pois a idosa senhora a humilhara em público, recusando-se a cumprimentá-la.

— Espero que sim. — Ela viu Marcus virar-se para procurar o chapéu que talvez houvesse deixado no hall inferior. — Também creio poder continuar contando com sua ajuda para manter minha casa.

Marcus vestiu o casaco de veludo azul e ajeitou-o ao redor do colarinho limpo que estava acima da gravata amarrada às pressas.

— Meu bem, as instruções dadas a Bryson para mandar-lhe a pensão semanal não mudarão.

— Obrigada, meu amor — ela murmurou com voz rouca que sempre o inflamava. Aquele dia não foi uma exceção, mas ele resistiu e não a tomou nos braços. — Gosto de Bryson. A maioria dos advogados é ranzinza, mas Bryson sempre tem um sorriso quando aparece.

— Espero que seja sempre a negócios.

Jocelyn estreitou os olhos e fitou-o, coquete.

— Será que percebi traços de ciúmes em sua voz?

— Seria uma possibilidade, se Bryson estivesse nadando em ouro suficiente para satisfazer seus caprichos. — Ele riu e segurou o trinco. — Eu lhe desejo um bom dia, minha querida.

— Como é ela? — Jocelyn perguntou, enquanto Marcus levantava o trinco.

— Por que essa obsessão por Regina? — Ele se virou para vê-la.

Jocelyn vestiu o penhoar de seda azul e saiu da cama para postar-se ao lado dele.

— Não posso deixar de estar interessada em sua esposa, Marcus. Afinal, ela o está tirando de mim.

— Temporariamente, minha querida. — Ele a abraçou pela cintura, enquanto a beijava com ardor. Notou, como acontecera na noite anterior, que ela estava ainda mais magra. Ele preferia formas mais cheias a ossos duros, mas aquela não era a hora certa para discutir isso. Toda sua atenção concentrou-se nos lábios que o beijavam. Em seguida, afastou-se um pouco. — Jocelyn, você está se preocupando em excesso.

— Fale-me a respeito dela e eu me sentirei melhor.

— Não tenho tempo. Tenho de estar em Berkeley Square quando ela chegar de Dover.

— Marcus, por favor!

Marcus olhou o reflexo no vidro e ajustou a gravata. Jocelyn não costumava ser tão persistente. Ela sempre provocava antes de ceder. Supunha que ela não quisesse falar sobre sua esposa, por isso procurara ali um porto seguro para passar a noite.

— Disseram-me que Regina tem um ótimo caráter.

— E como ela se parece?

— Não a vi. — Ele tirou do bolso interno do casaco um medalhão de ouro e o abriu.

Jocelyn inclinou-se para ver o pequeno retrato. Os cabelos negros bateram no braço de Marcus e o leve perfume exalado trouxe fantasias à sua mente. Ele cerrou os dentes e afastou os pensamentos prazerosos. Não havia tempo para ficar com Jocelyn, sabendo que sua esposa chegaria à tarde.

— Não dá para ver o rosto — Jocelyn queixou-se. — Ela parece muito jovem.

— O pai dela escreveu ao meu que esta é mais recente miniatura que possui. Pelo visto, ela nunca posou para outra. — Ele inclinou o pingente para enxergar melhor o retrato minúsculo.

Era o rosto de uma criança de olhos grandes e de não mais de doze anos. Os cabelos claros estavam puxados para trás, mas o pintor não era um perito. Ou a viagem pelo oceano até a Inglaterra havia estragado a pintura. Mal se distinguiam as feições que tinham de ser imaginadas.

Jocelyn riu com alegria.

— Marcus, você se casou com uma criança. Vai esperar até ela atingir a idade para consumir o enlace? — Ela continuou a dar risadinhas e a bater palmas, antes de se sentar no banco ao lado da cama.

— Disseram-me que a pintura foi feita há vários anos.

— Mesmo assim, ela pode ter acabado de sair do colégio.

Marcus irritou-se. Jocelyn não costumava aborrecê-lo e ele desejou que essa discussão desagradável se desse em outra ocasião. As palavras dela espelhavam seus próprios pensamentos quando o pai lhe dera o medalhão no mesmo dia em que os papéis do casamento por procuração tinham sido assinados e enviados a Argel por um mensageiro.

Ora, essa era boa! Ignorava completamente o dia em que Regina Morrissey se tornara sua esposa. Ela mesma traria a informação naquela tarde. Se seu pai tivesse mais senso de humor, ele poderia acusá-lo de ter orquestrando essa união ridícula por causa da recusa sistemática do filho em escolher uma das mulheres que tinham sido apresentadas a ele ao longo dos anos.

— Ah, perdoe-me, meu amor. — Ela o enlaçou com os braços finos.  
— Eu o desagradei.

— Não é você que me agrada. — Marcus foi sincero, mas desvencilhou-se do abraço. — Jocelyn, preciso ir. Seria um desastre chegar atrasado ao primeiro encontro com minha esposa.

— Volte o mais rápido que puder. — Ela fez um biquinho com os lábios. — Não gosto de ficar sozinha.

— Eu sei. — Marcus deu-lhe um beijo rápido antes de abrir a porta. Entendera o aviso. Se ele não a visitasse com regularidade, ela encontraria outro protetor. Já enfrentara um duelo por causa de Jocelyn; não pretendia meter-se em outro.

Marcus gostou de ver Andrews ao lado do degrau inferior da escada no saguão redondo. Seu criado segurava a cartola perdida.

— Pensei que ela estivesse em cima.

— Foi onde milorde a deixou, mas achei que seria melhor trazê-la para perto da porta.

— Quando você fez isso? Por quê?

— Eu não queria que milorde sáisse sem o chapéu, caso a sra. Simpson o dispensasse.

— Você não perde as esperanças, não é?

— Não. — Apesar do semblante sério, Marcus viu o brilho no olhar do rosto enrugado.

Ele pôs a cartola na cabeça e foi até a rua onde dois cavalos esperavam com paciência. Deu um tapinha amigável no cavalo marrom e castrado. Por um segundo, teve inveja do animal que não precisava se preocupar em gerar um herdeiro nem em satisfazer os desejos de duas mulheres.

A brisa de verão roçava seu rosto, enquanto seguia o tráfego ao longo da Bruton Street no sentido da Berkeley Square. Atrás dele, ao contrário

do hábito, Andrews mantinha silêncio. Nos outros dias, quando saíam da casa de Jocelyn, o criado tagarelava como um macaco africano.

— Não precisa ficar tão macambúzio — Marcus disse por sobre o ombro.

— A duquesa esperava que milorde permanecesse em casa a noite passada para cuidar dos preparativos finais para a chegada de lady Daniston. — As palavras estavam muito próximas de uma censura jamais expressada pelo criado.

— Nem você nem minha avó deveriam preocupar-se com minha ausência na chegada de lady Daniston. Mesmo com esse tempo excelente, ela não chegará a Berkeley Square antes do meio da tarde.

Andrews murmurou qualquer coisa ininteligível.

— O que foi que disse? — Marcus diminuiu a marcha do cavalo para ficar lado a lado com Andrews. — Prefiro ouvir suas opiniões a escutá-lo resmungar.

O homem magro hesitou. Por ter começado a trabalhar para a família bem antes do nascimento de Marcus, em geral Andrews se expressava com sinceridade.

— Eu apenas disse ter sido uma lástima milorde não ter podido esperar milady no cais.

— Eu poderia ficar sentado durante dias no porto. Até minha avó finalmente entender que seria mais sensato lady Daniston mandar um mensageiro avisar-nos de sua chegada na Inglaterra e vir para Londres na diligência de posta. É evidente que eu também não gostaria que minha esposa ficasse me esperando em Dover enquanto eu ia a seu encontro. Dessa maneira foi muito mais lógico.

— Tem razão, milorde — Andrews concedeu, sem convicção.

Marcus incitou o cavalo para diante com uma leve batida e deixou o criado para trás. Que homem insensível! Pensara que, no último momento, Andrews teria um pouco de simpatia por ele e por essa situação ridícula.

Ao chegar a Berkeley Square, ele constatou que, felizmente, nenhum de seus vizinhos estava do lado de fora de casa. Lorde Moore dera uma festa a noite anterior para anunciar o noivado de seu sobrinho com a filha do sr. Johnson. Na certa, a maioria dos moradores da quadra, que não era quadrada, estivera presente ao evento e ainda deveria estar dormindo pelo cansaço da festa.

Ouviu o clamor dos vendedores que chegavam àquela hora para oferecer seus produtos aos cozinheiros das mansões. Seu estômago reclamou. Um bom café da manhã o reanimaria e o ajudaria a acalmar a ansiedade pelo dia que teria de enfrentar. Ler o jornal e divertir-se com os boatos das colunas sociais o faria esquecer a esposa que não desejava.

No meio do jardim da praça, uma sombra moveu-se perto da estátua de George III. Marcus odiava a estátua que, além da base deselegante, tinha o rei vestido como Marcus Aurelius da Roma Antiga. Na certa, seu pai olhara pela janela quando o filho e herdeiro nascera, e resolvera dar-lhe aquele nome clássico. Marcus estreitou os olhos por causa do sol e espiou a estátua, curioso. Estava certo de que o movimento fora mais do que um jogo de luz sob as árvores.

Ele cavalgou em direção da casa de seu pai que ficava a oeste do quarteirão e espiou novamente o centro da praça. A sombra era um homem. Marcus o vira no dia anterior. O homem de cabelos escuros estivera parado no mesmo lugar, fumando um charuto idêntico.

O homem espiou na direção dele e os olhares se cruzaram. Marcus parou em frente da fachada de tijolos da casa dos Attleby e não se surpreendeu ao ver o homem caminhando em sua direção, o que, no entanto, pareceu-lhe peculiar. Poucos estranhos falavam com os residentes da Berkeley Square. Talvez o homem houvesse se mudado para uma das residências vazias do lado oposto da quadra.

— Bom dia, lorde Daniston. — O camarada era de estatura baixa, tinha ombros largos e seu rosto parecia ter sofrido vários ataques de bola no passado. A roupa, ainda em bom estado, embora não fosse feito de tecido excelente, não o rotulavam como um morador daquela quadra.

— Eu o conheço?

— Não fomos apresentados, mas *eu* o conheço, milorde. — Ele cumprimentou Marcus com um toque no chapéu. — Permita que eu me apresente. Allen Pennant.

Marcus entregou as rédeas do cavalo a um rapaz que viera correndo assim que o vira parar em frente da residência e esperou o garoto se afastar.

— Sr. Pennant, existe um motivo para sua aproximação? Hoje não tenho tempo para falatórios inúteis.

— Nenhum motivo além de cumprimentá-lo. — Ele novamente tocou no chapéu. — Milorde, tenha um ótimo dia.

Andrews aproximou-se enquanto Pennant voltava para o jardim no meio da quadra.

— O que ele estava fazendo aqui? — o criado perguntou, engasgado.

— Pennant? — Marcus deu de ombros e caminhou até os degraus que conduziam à porta da residência. Parou ao escutar Andrews correr atrás dele. — Por que essa preocupação com Pennant?

— Não me agrada a ideia de ter um deles por aqui.

— Deles, quem?

— Um desses policiais da equipe dos Bow Street Runners.



Marcus segurou o corrimão de ferro da passagem e fixou em Andrews um de seus olhares mais ferozes.

— Como você sabe que o sujeito faz parte dos Bow Street?

— Ele tem a aparência de um deles — Andrews resmungou.

A testa franzida de Marcus se transformou em um sorriso e ele bateu no ombro do serviçal. Uma suspeita passou por sua mente.

— Essa é uma ideia sua?

— Não, milorde.

— Não quero ouvir seus protestos fingidos de inocência. Mesmo se ele for um dos Bow Street Runners, o que não creio, por hoje tenho problemas suficientes sem ter de procurar por outros onde não existem. Vamos. Terei sorte se meu desjejum estiver à minha espera. — Marcus estranhou Andrews não se mover. — Afinal, o que um Bow Street Runner estaria fazendo por aqui? Nesta região não há criminosos, a menos que esteja pensando que a sra. Trench deveria ser punida por servir um vinho sem gosto em sua última reunião.

— Não sei, milorde. — O rosto tornou-se ainda mais comprido. — Mas tem de haver algo errado.

— Tem razão. Meu café da manhã logo estará frio. — Rindo, Marcus subiu até a porta. Andrews gostava de uma brincadeira. Essa devia ser a maneira de tentar ajudá-lo a esquecer o dia que o aguardava. Mais tarde, quando Andrews confessasse a artimanha, ele agradeceria a seu criado.

Um Bow Street Runner em Berkeley Square? Ainda por cima um que vinha se apresentar espontaneamente? Aquele era, sem dúvida, o melhor gracejo que Andrews inventara e Marcus estava certo, ao espiar por sobre o ombro o homem que se apresentara como Pennant, nome nada convencional, em pé ao lado da estátua, que ele e Andrews ririam muito nos próximos dias.

Ele precisaria de algo para rir, pois suspeitava de que sua esposa complicaria sua vida de todas as maneiras.